

Recensão

***O olhar mais azul*, de Toni Morrison¹**

João de Mancelos

(Universidade da Beira Interior)

Palavras-chave: Literatura Afro-americana, Toni Morrison, *O olhar mais azul*, racismo

Keywords: African-American literature Toni Morrison, *The Bluest Eye*, racism

O olhar mais azul é o título da tradução portuguesa do romance *The Bluest Eye* (1970), da escritora afro-americana Toni Morrison (1931-2019), vencedora do Prémio Nobel da Literatura em 1993. Trata-se da sua obra de estreia, talvez menos apelativa para o público-leitor, porque ainda distante da mestria de *Song of Solomon* (1977) ou de *Beloved* (1987), textos que a consagrariam. No entanto, em *O olhar mais azul*, marcam já presença os dois temas principais da ficção morrisoniana: a vivência dos negros nos Estados Unidos da América e os danos psicológicos infligidos pelo racismo. Em simultâneo, a autora lança mão de uma técnica que viria a empregar, com regularidade, na sua obra: a polifonia narrativa (Kubitschek, 1998: 31-33).

No prefácio, Morrison explica que o livro em apreço teve génese num episódio quase anedótico, no sentido grego do termo, ou seja, inédito, singular, curioso:

O romance nasceu de uma conversa que tive com uma amiga de infância. Tínhamos acabado de entrar para a escola primária. Ela disse que queria ter olhos azuis. Olhei para ela para a imaginar de olho azul e senti uma repulsa violenta pela imagem que me veio à cabeça, se o sonho dela se realizasse. A mágoa na sua voz parecia pedir compaixão e eu fingi que a sentia, mas, espantada com a profanação que ela propunha, fiquei furiosa. (Morrison, 2023: 10)

Este episódio revela dois fenómenos: por um lado, uma glorificação dos ideais de beleza euro-americanos: indivíduos de pele clara, loiros e de olhos azuis; por outro, uma interiorização, feita pelos negros, da sua alegada inferioridade rática e estética. O resultado é um rude golpe na autoestima dos afro-americanos, que se percecionam na perspetiva redutora do Outro, aqui entendido como o WASP, White Anglo-Saxon Protestant (Mancelos, 2014: 27).

Em *O olhar mais azul*, Morrison recorre ao episódio que lhe fora contado para construir uma história que evidencia as consequências devastadoras do racismo numa menina sensível,

¹ Mancelos, João de. “O Olhar Mais Azul, de Toni Morrison”. *Revista Portuguesa de Humanidades* (Universidade Católica Portuguesa, Braga) 27: 1-2 (2023): 173–178. ISBN: 978-972-697-333-1.

proveniente de uma família pobre e disfuncional, onde a violência doméstica recorre (Matus, 1998: 38-39). A protagonista é Pecola, uma afro-americana, apresentada ao leitor primeiro na infância e, depois, na fase da adolescência. O seu nome próprio evoca o termo italiano “piccola”, que significa “pequena”, aptrónimo que remete para a sua aparente insignificância. De facto, na protagonista, convergem diversos estigmas: é menina, num grupo étnico onde as mulheres são discriminadas pelos homens; é afro-americana, numa sociedade onde o poder é detido pelo WASP; é paupérrima, numa nação que valoriza a riqueza como sinónimo de êxito.

Mais do que qualquer um destes aspetos, pesa em Pecola ser, na sua perspetiva e na dos outros, *feia*. Ao contemplar-se ao espelho, reflete acerca de si e da sua família com o irónico apelido de “Breedlove”:

Enquanto tivesse a aparência que tinha, enquanto fosse feia, ela tinha de ficar com aquelas pessoas. Pertencia-lhes de alguma maneira. Sentava-se durante horas a fio ao espelho, tentando descobrir o segredo da sua fealdade, a fealdade que fazia com que as pessoas, tanto professores como colegas, a ignorassem ou desprezassem na escola. Era o único elemento da turma que se sentava sozinho numa carteira para dois. (...) Tentavam nunca olhar para ela e só a chamavam quando toda a gente tinha de responder. Pecola também sabia que, quando uma rapariga da escola queria insultar mesmo um rapaz, ou queria uma reação imediata dele, dizia: “O Bobby gosta da Pecola Breedlove! O Bobby gosta da Pecola Breedlove!”, e obtinha sempre risos de quem estivesse por perto e raiva fingida do acusado. (Morrison, 2023: 52)

O enredo decorre maioritariamente no final da década de quarenta do século passado, em Lorain, no estado norte-americano de Ohio. Morrison conheceu bem esta cidade mineira, onde residiam checos, alemães, irlandeses, gregos, italianos, entre outros imigrantes provenientes da Europa, por lá ter passado a infância (Heinze, 1993: 128).

O romance não deixa de espelhar a atmosfera racista que, então, se respirava. Num episódio significativo, Pecola dirige-se à mercearia do Sr. Yacobowski, para comprar alguns rebuçados da popular marca *Mary Jane*. Seria expectável que, sendo o proprietário um imigrante polaco — logo, pertencente a uma minoria — sentisse um laço com a menina. Contudo, Morrison ilude o leitor e descreve, com pormenores pungentes, o efeito do racismo sobre a rapariga:

Ela levanta os olhos para ele e vê o vazio onde devia existir curiosidade. E mais alguma coisa. A ausência total de reconhecimento humano: a separação vitrificada. Pecola não sabe porque é que ele mantém o olhar suspenso. Talvez por ser crescido ou homem, e ela, uma menina. Mas viu interesse, nojo, até raiva em olhos masculinos adultos. No entanto, aquele vazio não é novo para ela. Tem gume; algures na pálpebra de baixo está a aversão. Já a viu à espreita nos olhos de todas as pessoas brancas. Portanto, a aversão deve ser a ela, à sua negridão. Tudo nela é incerteza e expectativa, mas sua negridão é estática e apavorada. É a negridão que justifica, que cria, o vazio afiado pela aversão nos olhos dos brancos. (Morrison, 2023: 55)

Pecola é alvo da discriminação até dos próprios afro-americanos não só devido à pobreza, mas também por causa da promiscuidade que grassa na família: a adolescente engravidará do próprio pai, após uma cena brutal de incesto. Neste contexto, é como se Pecola encarnasse os estereótipos mais negativos e redutores do seu grupo étnico (Davis, 1998: 31). Aqui reside, quanto a mim, um dos aspetos mais interessantes deste *bildungsroman*: a criação de uma personagem simultaneamente vítima do racismo perpetrado pelos euroamericanos e da discriminação veiculada por indivíduos da sua etnia.

A narradora compara Pecola com Maureen Peal — o ideal dos afro-americanos. Trata-se de uma colega da mesma faixa etária, rica, bonita, mulata, de olhos verdes e bem vestida. Devido a estas características, granjeia, em simultâneo, a tolerância dos brancos e a incontida admiração dos negros. Neste passo, a narradora mostra o respeito por Maureen, em contraste com o desprezo ou indiferença reservados às meninas negras mais pobres:

Ela encantou a escola inteira. Quando os professores a chamavam, sorriam encorajadoramente. Os rapazes negros não lhe pregavam rasteiras nos corredores; os rapazes brancos não a apedrejavam; as raparigas brancas não estalavam a língua quando tinham de fazer trabalhos de grupo com ela; as raparigas negras afastavam-se para o lado quando ela queria usar o lavatório na casa de banho das meninas e genufletiam os olhos sob as pálpebras deslizantes. Ela nunca tinha de procurar companhia no refeitório: os colegas afluíam à mesa que escolhesse, onde abria a lancheira com almoços esmerados, envergonhando o nosso pão pintalgado de doce com as suas sanduíches de salada de ovo cortadas em quatro elegantes quadrados, queques com cobertura de açúcar cor-de-rosa, talos de aipo e cenoura, maçãs escuras e orgulhosas. (Morrison, 2023: 68)

Neste contexto de racismo branco e de discriminação negra, uma parte significativa do romance ocupa-se do lento, mas inexorável, processo de erosão da autoestima de Pecola. Através de uma série de episódios, Morrison mostra o desprezo a que a protagonista é votada: agressões físicas e verbais, discriminação racial e de género, violação, fraude, etc. O culminar deste crescendo será um episódio de esquizofrenia, no qual a adolescente imagina ter uma amiga que reconhece o azul imaginário dos seus olhos (James e Nye, 1999: 35).

Como sugere o título do romance, Pecola acredita que só poderá ser amada se for bonita, semelhantemente à mulata Maureen ou às colegas brancas. Talvez Deus lhe concedesse, através de um milagre, a graça de ter olhos azuis, como os da atriz Shirley Temple (1928-2014), que na década de trinta do século XX gozava de grande popularidade, graças a comédias açucaradas como *Curly Top* (1935), *Dimples* (1936) ou *The Little Colonel* (1935) (Edwards, 2017: 35-37).

Pecola empreende várias tentativas desesperadas para obter os almejados olhos azuis:

bebe leite da caneca que ostenta o desenho de Temple; come os caramelos *Mary Jane*, por causa da menina loira da embalagem; acredita num vendedor de milagres pedófilo; ora a Deus:

Todas as noites, sem falta, ela rezava por uns olhos azuis. Fervorosamente, durante um ano, ela rezara. Embora um nadinha desanimada, tinha alguma esperança. Era preciso muito, muito tempo para que uma coisa tão maravilhosa acontecesse.

Presa desta forma à convicção de que só um milagre a salvaria, Pecola nunca conheceria a sua beleza. Veria apenas o que havia para ver: os olhos das outras pessoas. (Morrison, 2023: 53)

No entanto, Pecola não compreende — e como poderia, sendo tão jovem? — que apenas obedece a critérios de beleza alheios e, deste modo, reforça a discriminação do Outro relativamente a si. Tal gera na rapariga frustração, sentido de inferioridade e, sobretudo, uma enorme tristeza. A este propósito, Ágnes Surányi nota que, em inglês, o título *The Bluest Eye* evoca, fonicamente, “the bluest I”, expressão que pode ser traduzida como “o eu mais triste” ou “o eu mais melancólico” (Surányi, 2007: 11).

Para contar esta história, a autora recorre a uma estratégia típica da sua produção literária: a polifonia narrativa. A narradora principal é Claudia McTeer, uma adolescente afro-americana, que relata uma parte substancial dos eventos que lhe sucederam a si ou à protagonista, Pecola. Já a narradora onisciente conta episódios que Claudia não poderia ter presenciado, pois sucederam no lar dos Breedlove (por exemplo, a violação incestuosa da menina) ou ocorreram antes do seu nascimento (como o namoro dos pais da jovem) (Surányi, 2007: 15). Tal estratégia permite, em simultâneo, ao leitor conhecer a história do ponto de vista de uma menina inteligente e perspicaz, e ter acesso ao passado familiar de Pecola, importante para determinar a génese do comportamento agressivo de Cholly, o seu pai.

Em suma, neste romance, tanto o enredo como a figura de Pecola alertam para os efeitos devastadores do racismo, sobretudo na psique de um dos elementos mais frágeis da comunidade. Afetados pelos ideais de beleza veiculados pela sétima arte, literatura, publicidade, brinquedos (como as bonecas loiras e de olhos azuis), os negros são tornados invisíveis na cultura euro-americana. Como tal, numerosos afro-americanos rejeitam ou mesmo odeiam a própria imagem, associada à inferioridade e, deste modo, ironicamente, reforçam a sua opressão.

Na atualidade, numerosas sociedades constituem caleidoscópios multiétnicos e multiculturais. Nelas, proliferam as manifestações, ora subtis, ora violentas, de intolerância e discriminação contra os grupos étnicos minoritários e mais vulneráveis. Neste contexto, o romance em análise convida o leitor a refletir acerca de uma realidade incontornável: tão diferentes somos nós do Outro como ele de nós. Assim, a forma como o tratarmos, vendo para

além do estereótipo e desconstruindo preconceitos, define-nos como seres humanos, numa sociedade que se deseja igualitária, inclusiva e tolerante.

Bibliografia

- Davis, Cynthia. "Self, Society and Myth in Toni Morrison's Fiction". *Toni Morrison: Contemporary Critical Essays*. Ed. Linden Peach. New York: St. Martin's P, 1998. 27-42.
- Edwards, Anne. *Shirley Temple: American Princess*. Guilford: Globe Pequot, 1988.
- Heinze, Denise. *The Dilemma of 'Double Consciousness'*. Athens: U of Georgia P, 1993.
- James, Rosetta, and Louisa S. Nye. *The Bluest & Sula*. Lincoln: Cliffs, 1999.
- Kubitschek, Missy. *Toni Morrison: A Critical Companion*. Westport: Greenwood, 1998.
- Mancelos, João de. *Magia Negra: A obra de Toni Morrison*. Lisboa: Colibri, 2014.
- Matus, Jill. *Toni Morrison*. Manchester: Manchester UP, 1998.
- Morrison, Toni. *O Olhar Mais Azul*. Trad. Tânia Ganho. Lisboa: Presença, 2023.
- Surányi, Ágnes. "The Bluest Eye and Sula: Black Female Experience from Childhood to Womanhood". *The Cambridge Companion to Toni Morrison*. Ed. Justine Tally. Cambridge: CUP, 2007. 11-25.

Resumo

Nesta crítica à tradução portuguesa de *O olhar mais azul* (*The Bluest Eye*), romance de estreia da escritora estadunidense Toni Morrison, vencedora do Prémio Nobel da Literatura, em 1993, foco aspetos importantes para compreender o diálogo intercultural entre negros e brancos: a discriminação no seio dos próprios afro-americanos, os estereótipos raciais, a imposição de padrões de beleza euro-americanos, etc. Abordo também as principais estratégias narrativas morrisonianas para relatar uma história pungente e baseada em factos, com destaque para a polifonia narrativa.